

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

(RUBAYAT)
ODES AO VINHO E AO AMOR

Omar Al Khayyam terá nascido no século XI, vivido em Nishapur, e falecido no século XII.

Astrónomo, matemático, filósofo e poeta, foi consagrado pela sua obra que denominaram "Rubayat".

A obra é constituída por ruba'i, poemas sintéticos – *lembramos aqui, nomeadamente, os haiku* – e teve a partir da versão de Edward Fitzgerald inúmeras traduções, adaptações e versões. É indubitavelmente um livro fascinante, que tem deleitado povos e gerações.

Não há nada que não ponha em causa no que toca aos mistérios existenciais. A sua angústia é manifesta, face à consciência de que nada se sabe nem nunca se virá a saber. O que é o Universo, qual a natureza da Criação, porque vive e porque há-de morrer, Deus, sua essência e natureza, a morte, prazer e dor, são algumas das questões com que se defronta.

Um dia, lembro-me de ter dito para mim mesmo, "posso morrer hoje, não consigo ir mais longe, nem há caminho...". Esse espinho cravado na carne é o de Omar e o meu, espinho já cravado em meditações, como as expressas no pequeno ensaio *A (IN)UTILIDADE DA METAFÍSICA* – ver www.homeoesp.org » MENU » LIVROS ONLINE.

Mais do que uma tradução, trata-se de uma versão pessoal, que o autor me perdoará caso me esteja a ver – *do que duvido* –, e que os meus escassos leitores devem entender como algo que para mim escrevi.

Um amigo que leu os poemas, em atitude crítica, diz-me que os poemas são meus e já não de Omar. Talvez em

parte sejam "meus", mas a sua essência é a de Khayyam.
E se são "meus", que o plágio me possa ser perdoado.

Chamar-lhes-ei *Odes ao Vinho e ao Amor*, porque título
melhor não consigo encontrar.

José Maria Alves

Janeiro de 2012

1

Todos os que me conhecem
Sabem que jamais ciciei orações

Sabem também
Que nunca ocultei os meus vícios
E os meus mais terríveis defeitos
Desejos e cios

Por vezes humano
Outras animal sem tino
Sem destino e sem razão

Não estou certo
Se existe Justiça divina
Ou Misericórdia

Existam ou não
Estou em paz
Confiante e indiferente
Porque sempre fui sincero
Apesar de imprudente

2

O que é que valerá mais
Sentar-me num bar

Copo na frente
A examinar a minha consciência
Ou prostrar-me numa igreja
Com o pensamento decadente
E a alma ausente?

Hoje
Pouco me preocupa saber
Se Deus existe ou não
(porque sei que nunca o saberei)
E se no seu querer
Que destinação me reserva
Se é que para mim algo guarda

3

Sejamos compassivos
Para com os que se embriagam
De vinho e mulheres
Nas vielas da perdição

Também nós
Feitos de pó
Temos defeitos

Se pensarmos
Nos pobres
Nos deserdados
Nos que com frio tremem
Em todos os infelizes
Que em abundância gemem
Nos que à fome morrem
Sentiremos a felicidade
A paz e a tranquilidade

Bater-nos à porta com a doçura
De quem nada procura

4

Se és sábio
Não semeies o sofrimento

Domina-te sempre
Controla-te a cada momento

Não te abandones à ira
À cólera e à vingança

Queres ter na alma a Paz?
Então sorri

Ao Destino que te fere
Mas não firas ninguém

Que à espada morre
Quem com espada mata

Mas não comandes
Nem te deixes comandar

E só trabalhes
Se fores obrigado a trabalhar

E tu jovem sem capataz bebe e ama
Até que mais não sejas capaz

5

Faz por seres feliz hoje
O que é que te trará o dia de amanhã?
Alegria ou tristeza
Calmaria ou borrasca
Vida ou Morte?

Agarra uma garrafa de vinho
O colo de uma mulher
Senta-te à luz da Lua
E bebe
Pensando que amanhã
Talvez seja em vão
Que a Lua te procure

6

De quando em vez
Os homens lêem a Bíblia
O Corão
O Guitá
Livros que o pensamento consagrou

Mas quantos se deleitam
Diariamente com a sua leitura?
Quantos cumprem os seus decretos?

Nos bordos de todos os cálices

Recheados de vinho
Nas bordaduras dos lábios
Das mais belas donzelas
Triunfa cinzelada
Uma secreta verdade
A todos dada a saborear

7

O vinho é o nosso tesouro
Os bares os nossos palácios

Sede e embriaguez
Nossos fiéis companheiros

E o doce hálito das mulheres
O elixir que nos faz viver

Ignoramos o medo
As inquietações
Porque sabemos
Que as nossas almas
Os nossos corações
Os nossos cálices
E nossas roupas manchadas
Nada têm a temer
Do pó
Da água
Do fogo

8

Neste mundo
Dá-te por contente
Com raros amigos

Não inspires a mesma simpatia
Que alguém te inspirou

Escolhe atento
Os que te hão-de acompanhar
E se alguém tiveres para amar
Aprende a ser isento e esquivo

Antes de apertar a mão a um homem
Pensa se ela não te ferirá um dia
Antes de beijares uma mulher
Certifica-te que não serás seu escravo

9

Esta jarra
Foi em tempos idos
Um pobre amante
Que sofria cativo
O desdém altivo
De uma donzela

As asas da jarra
Eram o braço
Que rodeava

O alvo pescoço
Da sua bem amada
Que por tudo e por nada
O escorraçava

10

Como é pobre vil e doente
O coração que não sabe amar
Que não se embriaga de amor

A melancolia da solidão
De um corpo plangente
Nu e só no esplendor da noite

Se no mundo
Há gente que não ama
Certamente não entende
Na ausência do amar
A palavra deslumbrante do Sol
E a leve doçura do luar
Belo a deslizar
A perder de ver
Pelo verde vale do prazer

11

A minha juventude regressa hoje
Com o vigor das giestas amarelas
A anunciar a Primavera
Com todas as suas flores

Serve-me vinho Amada
Vinho cor de rubi
Vinho de todas as cores
Vinho ardente Vinho já

Não sou exigente
Não importa qual
Quero vinho urgente
E um beijo candente

Talvez até a melhor colheita
Me pareça tão acre
Como a vida maltratada
E pela dor pisada

12

Terás algum poder sobre o teu destino?
Não criatura frágil e inquieta

Por que te amedronta o porvir
Por que tens medo do que há-de vir?

Julgas-te sábio? Um entendido?
Que sabes tu?

Goza o momento
Goza o presente

Porque o futuro
É como quem mente

Que te pode trazer o futuro?
Alegria ou sofrimento?

Quem o sabe e se o sabe
Nunca to dirá seguramente

13

Aqui está a Estação inefável
Eis a Estação da Esperança
Em que almas sedentas de outras almas
Procuram uma quietude perfumada

Cada flor será por acaso
A excelsa mão branca de Moisés?

Cada brisa será por ventura
O leve hálito de Jesus?

14

Pelo Caminho oblíquo
Seguro não vai o justo
Nem o iníquo

Não vai o homem
Que o fruto da Verdade
Não colheu

Se porventura o colher
Da árvore da Ciência
Ouve
Ele sabe
Que os dias passados
E os dias que estão para vir
Em nada se distinguem
Do infeliz primeiro dia
Da Criação

15

Para lá dos limites da Terra
Para lá dos limites do Infinito
Procurava eu o Céu e o Inferno
E nada vi

Uma voz séria e avisada murmurou –
O Céu e o Inferno estão em ti

16

Já nada me preocupa

Nada me afecta

Ergue-te
Dá-me vinho
Esse néctar dos deuses

A tua boca
Esta noite
Como de outras vezes
É a rosa mais formosa
Do Céu e da Terra

Serve-me vinho
Rubro como o teu rosto
A tornar leve e ligeiro
O meu arrependimento
E alados os meus remorsos
Como leves são os teus risos

17

A aragem da Primavera
Refresca e aviva o corpo das rosas
E na sombra anilada do horto
Acaricia o rosto da minha amada

Na plenitude que vivemos
Esqueço o nosso passado
Tão sedutora
É a amorosa doçura do Agora

18

Poderei abarrotar de pedras o Oceano?
Porque faço eu o que não devo?

Sinto desprezo por ateus
E antipatia pelos devotos

Há quem me certifique de que irei para o Céu?
Ou de que para o Inferno na morte partirei?

O que é o Inferno?
E o Céu?

Conheces alguém que tenha visitado
Essas regiões misteriosas e incompreensíveis?

Se há que nos diga
Se não
Que se cale

Quem fala não sabe
Quem sabe não fala

19

Sendo bebedor
Ignoro quem te modelou
Ó enorme jarrão

Só sei que feito foste
Para abraçar três medidas de vinho
E que um dia a Morte te despedaçará

Então
Perguntar-me-ei
Por muito tempo
Para que foste modelado
Por que foste feliz
E porque
Já não és mais que pó
E eu aqui

20

Fugazes são os nossos dias
Correm velozes como a água dos rios
E os ventos secos do deserto

Mas dois dias me deixam indiferente
O ontem que morreu
E que já sepultei

E o amanhã que ainda não nasceu
E que não sei
Se e como o viverei

21

Quando nasci?
Não me lembro
Do que lembra minha mãe

Quando morrerei?
Não sei

Ninguém memora
O dia do seu nascimento
Nem está apto
A augurar a hora do seu decesso

Vem
Ó doce amante
Quero deslembrar no embriagamento
A dor da nossa ignorância
Do nosso sofrimento

22

Costurando as tendas da Sabedoria
Caí no fogo da Dor
E fui convertido em cinzas

O anjo Azrael cortou os cabos da tenda

A Morte ofereceu a sua glória
Por uma canção

23

Por que me angustiam
Os meus muitos pecados?

Não será inútil a minha melancolia
A discórdia interior?

Que existe depois da Morte?

O Nada ou
A Misericórdia

Vá homem
Vive em Paz

24

Nos mosteiros
Igrejas
Sinagogas
Mesquitas
Refugiam-se os débeis
Temerosos do Inferno

Quem experimentou
O poder de Deus
Não cultiva no seu coração
As funestas sementes

Do medo e da súplica
Do terror e da oração

25

Na Primavera costumo sentar-me
À sombra de uma árvore frondosa
Junto a um campo de flores silvestres

Quando uma esbelta donzela
Me oferece húmido e rosado
Seu cálice de vinho e amor
Não quero saber da minha saúde
Nem me preocupa a salvação

Na verdade seria menos que um cão
Se estivesse com tal apreensão

26

O mundo interminável –
Um grão de poeira no vazio

Toda a ciência e saber
Que o homem acumulou –
Palavras

As gentes
Os animais
E as flores
Dos sete climas –
Sombras

A tua contínua meditação –
Nada

27

Mesmo que acredites
Ter solucionado
O mistério da Criação
Diz-me –
Qual será o teu destino?

Mesmo que dêes por garantido
Ter desnudado a Verdade
De todos os seus véus
Diz-me –
Será que conheces o teu destino?

Mesmo que admitas a felicidade
De ter vivido durante cem anos
E que outros cem anos te aguardam
Diz-me –
Mas será que conheces o teu Destino?

28

Capacita-te de que um dia
Um qualquer dia
A tua alma abandonará o corpo
E serás arrastado por um véu flutuante
Entre o conhecido e o desconhecido

Enquanto esperas
Sê feliz
Bebe e ama

Não sabes donde vens
Nem para onde vais

Saberás pelo menos
Quem és?

29

Aqueles que temos por maiores
Sages sábios e filósofos
Caíram no Abismo da Ignorância

No entanto esses brilhantes opacos
Foram as lanternas de referência
Das suas épocas jazentes

Mas afinal que fizeram essas sumidades?

Pronunciaram algumas frases esotéricas
Escreveram alguns textos obscuros
Deitaram-se e adormeceram para sempre

30

O coração disse-me –
Quero saber
Quero aprender
Ensina-me
Tu que tanto estudaste
Que mergulhaste
Em livros aos milhares

Disse eu a primeira letra
E a minha Alma respondeu-me –
Sei
O Um
É o primeiro
Do número
Que nunca acaba

31

Os mistérios
Ninguém os pode entender
Como também

Ninguém é capaz de ver
O que se oculta
Por detrás das aparências

Todas as nossas moradas
São temporárias
Excepto a derradeira
Na terra que nos há-de comer

Bebe vinho e ama
Basta de palavras inúteis
Em lodaçal escritas

32

A vida é um jogo insípido
Com dois prémios certos –
Dor e Morte

Feliz foi a criança que morreu no nascimento
Mais feliz ainda aquele que não chegou a nascer

33

Na feira que atravessas
Não intentes encontrar amigo

Tão pouco busques refúgio ou porto seguro

Aceita a dor com alento
Sem a esperança de um bálsamo
Que não existe

Sorri à adversidade
Não peças
Nem im peças ninguém
Que sorria para ti

Estarás a desperdiçar o teu tempo

34

Que a Roda da Fortuna gire
Que circule sem parar
Sem esperar pelo juízo dos sábios

Abdica de contar os astros
Que pelo céu sem fim se amplificam

Medita nesta certeza –
Hás-de morrer
Não voltarás a sonhar

Os cães vadios
Devorarão o teu corpo
Ou então
Serão os vermes
Do sepulcro

35

Estava com sono
E a Sabedoria disse-me –
As rosas da felicidade
Nunca perfumaram
Nem nunca irão perfumar
O sono de ninguém

Em vez de te abandonares
A este irmão da Morte
Bebe vinho Ama
Tens para dormir a eternidade
Porque o sono
É uma morte temporária
E a morte um sono
Para sempre prolongado

36

O Criador do Céu e da Terra
Ultrapassou-se displicente
Quando criou a Dor
E a insuflou em toda esta gente

Lábios como rubis
Cabelos perfumados
Rostos perfeitos
Quantos sois vós na Terra?

37

Não consigo contemplar o Céu
Tenho os olhos minados de lágrimas

Aprazíveis centelhas
São os fogos do Inferno
Confrontados com as chamas
Que me corroem

O Paraíso
Para mim
Não é mais
Do que um instante
Um Agora
De Paz

38

Sonho e sono sobre a terra
Sono debaixo da terra

Sobre a terra
E por baixo da terra
Corpos que jazem

Para onde quer que vá
Onde quer que fique
O Nada
Um Deserto do Nada

Homens que chegam
Homens que se vão
Que partem
Para a Terra do Nada

39

Antigo mundo
Atravessado a galope
Pelo cavalo branco do Dia
Pelo cavalo negro da Noite

És o palácio triste
Onde cem reis
Sonharam com a glória
E cem monarcas
O amor almejaram
E todos amanhecera
No seio da mais intensa dor
E no meio do maior pranto

40

O vento que veio do Sul
Secou a esplêndida rosa
Para quem o rouxinol cantava

Devemos orar
Pela sua morte
Ou por nós?

Quando a Morte
Secar os nossos corpos
Outras rosas irão nascer
Que alegremente sorrirão

41

Abdica da recompensa
Que ontem merecias
E que te não foi concedida

Sê feliz
Ama

Não deplores seja o que for
Que o teu coração a nada se prenda

Tudo o que te há-de acontecer
Está escrito no Livro
Folheado pelo vento
E soprado pela Eternidade

42

Quando vos ouço falar
Da felicidade que é pertença
Dos Eleitos
Limito-me a dizer –
Eu só confio no vinho
E nos lábios da minha amante

Quero metal sonante
E não quero
Vãs promessas

O ribombar do tambor
Só apraz à distância

43

Bebe o teu vinho
Beija a tua amada
Único caminho
Da vida eterna

O vinho e o amor
Vão doar-te
A juventude perdida

Divina a Estação
Que perdura
Das rosas

Do vinho
Do amor
E da amizade pura

Goza o momento que te escapa
E que é a tua vida
Férias que a Morte te dá

44

Bebe vinho
Ama
Estima os amigos sinceros

Muito tempo terás
Para dormir sepultado
Sem vinho
Sem mulher
Sem amigo

Ouve este segredo
Que do coração te confio –
As túlipas fanadas
Nunca irão ressuscitar

45

Cochicha a argila
Ao oleiro –
Lembra-te homem
Que és hoje como eu fui
Cuida de mim
Não me maltrates

46

Oleiro
Se és assisado
Não magoes a argila
Com que Adão foi modelado

Que tens tu sobre a roda
A mão do rei Féridun
O coração dos reis Khosru?

Que fazes Homem?

47

A papoila colhe a sua cor púrpura
Do sangue de um rei morto

A violeta nasce da excelsa beleza
Da face de um adolescente

48

Séculos e séculos
Perdem-se nos tempos
Enquanto
Se sucedem auroras
Crepúsculos
E os astros caminham
Pelos céus

Cuida da terra que pisas
Que cavas para semear
Pode ser
Pode acontecer
Que o torrão
Que vais sangrar
Tenha sido outrora
O olho lânguido
De um adolescente

49

Um narciso na margem do ribeiro
Oscila ao sabor da brisa

Não brotarão as suas raízes

Dos lábios de uma mulher?

Que os nossos passos
Sejam leves
Acariciando a erva tenra
Frágil
Que cresce viçosa no lameiro

Talvez tenha nascido das cinzas
De belos rostos onde já vingou
A claridade das túlipas encarnadas

50

Ontem
Um oleiro
Laborava
Na sua roda

Modelava um cântaro

E o que modelava
Eram crânios de sultões
E mãos de mendigos

51

Bem e Mal
Combatem pela hegemonia
Neste planeta de predadores

O Céu não é responsável
Pela celebridade
Desgraça
Ou felicidade
Que o Destino nos reserva

Não lhe agradeças
Nem o condenes

Já que nada se preocupa
Com as tuas míseras alegrias
Ou com as mais terríveis das dores

52

Se lavrado o teu coração
O semeaste diligente
Com a semente do Amor
Então
Não viveste inutilmente

Se procuraste ouvir atento
A voz de Deus
E a guardaste no teu pensamento
Não foi inútil o teu viver

Como o não foi
Se sorrindo e amando
Ergueste a tua taça de vinho
Em homenagem ao prazer

53

Age prudente
Caminhante

Arriscado é teu caminho
E afiada a espada do Destino

Evita as amêndoas doces
Da orla das estradas
Têm veneno as danadas

54

Um jardim
Uma jovem esbelta
Um cântaro de vinho
O meu anseio
O meu azedume
Meu Paraíso
E meu Inferno

Mas alguém terá havido
A quem foi dado conhecer
O Céu ou o Inferno?

55

Tu
Cuja face
Obscurece
As rosas do campo

Tu
Cujo rosto
Parece
O de um ídolo chinês

Sabes por mero acaso
Que o teu olhar
A veludo bordado
Transformou o rei da Babilónia
No bispo
Que no jogo de xadrez
Foge da rainha?

56

A vida vai-se esgotando

Que resta da cidade de Balk
E de Bagdad?

O mais pequeno dos toques

É letal para a rosa
Que pela manhã desabrocha

Bebe vinho
Ama Abraça paixões
E contempla a Lua

Que tantas civilizações
Viu nascer e morrer

57

Oh a voz da Sabedoria
Diz-me
Dia após dia
Minuto a minuto –
A vida é tão breve

Não me assemelho às plantas
Que podadas
Voltam a reverdecer

Quando morrer
Nem raízes nem sementes
Me farão reviver

58

Retóricos
Filósofos
Sábios silentes
Morreram
E não se entenderam
Sobre a essência
Do ser e do não-ser

Incomoda-te que te chamem ignorante?
Paciência

Continua a saborear
Os melhores vinhos
Os lábios mais belos
Esquece se pecas

Esses sabedores
Que se confortem
Com suas mãos
E com uvas secas

59

O meu nascimento
Nada trouxe de diferente
Nenhum bem ou mal
Ao mundo de mim indiferente

A minha morte
Não abreviará o seu tempo
Não diminuirá o seu brilho
Nem o seu tamanho

Não há ninguém
Em toda esta multidão
Que me elucide
Por que vim
Para que vim
E porque terei
De partir
Sem que a alguém
O requeira

60

Tombaremos na vereda do Amor

O Destino irá esmagar-nos

Oh bela
Oh donzela
Oh cálice encantado
Agrado dos meus sentidos

Levantai-vos
Dá-me a chama dos teu lábios
Dá-me o teu líquido inviolado
Antes que o fim de tudo
Venha sem ser esperado
E me transforme em poeira

61

À Felicidade
Só lhe conhecemos o nome
Um rótulo numa jarra opaca

O meu amigo mais velho
É o vinho novo

Acarinha com os olhos
E com os dedos das mãos
Aquilo que falta nos faz
E que nunca nos engana –
A jarra transbordante
Do sangue da vinha

62

O palácio de Bahram
É agora refúgio de gazelas

Leões deambulam pelos jardins
Onde antes tocavam músicos

Bahram que caçava burros selvagens
Dorme agora num outeiro
Onde pastam burros domésticos

63

Não busques cego a felicidade
A vida é breve como um suspiro

As cinzas de reis voam
No redemoinho vermelho
Que contemplas

O Universo é um sonho
A vida é um sonho

64

Senta-te e bebe
Gozarás de uma felicidade
A que nenhum imperador acedeu
A Paz de Deus

Escuta os alaúdes dos amantes
Que na sua harmonia e melodia
São os exactos salmos de David

Não te entranhes no passado
Não fiques ansioso com o futuro

Que o teu pensamento
Esteja sempre

No eterno presente

Este é o segredo da Paz

65

Medíocres
Acanhados
E orgulhosos
Estabelecem
Entre o corpo e a alma
Diferenças que não entendo

Eu só vos posso dizer
Que o vinho faz findar o medo
E nos dá
A tranquilidade perfeita
E que Amar
Nos dá Felicidade
Como consequência
Da ausência do pensamento

66

Que mistério é esse
Do movimento dos astros
Que giram e giram

No espaço sem fim

Agarra-te com força
À corda da Sabedoria

Cuida-te da vertigem
Que ao teu redor
Abate os teus companheiros

67

Não tenho medo da morte
Mais quero este acontecimento
Inquestionável inelutável
Ao que me impuseram
No dia do meu nascimento

Afinal que é a vida?
Um benefício que não escolhi
E que devolverei com indiferença

68

A vida passa
Veloz
Como uma caravana

Pára de cavalgar
E procura ser feliz

Donzela
Donde te vem essa tristeza?
Bebe um pouco deste vinho
Dá-me de beber
Já se declaram
Os primeiros sinais da noite

69

Ouçõ dizer
Que os amantes do vinho
Serão condenados
Ao ardente Inferno

Verdades não as há
Mas há mentiras
Que são tão evidentes
Que ninguém as pode negar

Se todos os que se embriagam
Se todos os que amam
Vão para o Inferno
O Paraíso está vazio

70

Já sou velho Sim velho
Mas tenho Amor para dar

A minha paixão por ti
Mata-me de Amor e desejo

Não deixo por isso de alagar
O meu cálice de vinho

Tal é o meu sentimento
A intensidade do amar
Que sem piedade o Tempo
Anulou o discernimento
Da minha razão
Fazendo murchar
Sem caridade
A rosa que brilhava
No meu peito

71

Tu que me atormentas
Ó imagem de uma nova alegria
Vozes de amor encantadoras
Que me atentais

Vejo a minha amada
E só a sua doce voz ouço

Deus há-de perdoar-te
Diz ela suave

Não aceito esse perdão
Não pedi qualquer absolvição

72

Um pedaço de pão negro
Duro de semanas
Um pouco de água fresca
A sombra de uma árvore
E teus olhos escuros rasgados
Em perfeito corpo implantados

Não há quem eleja
Imperador mais feliz que eu
Nem esfarrapado mendigo
Que mais triste seja

73

Porquê tanta doçura
Tanta ternura
Tantos beijos e promessas
No início do nosso amor?

Porquê tantos carinhos
Afgos e mimos
Tanto deleite e enlevo depois?

Se hoje
Tens por prazer e gozo
Dilacerar-me o coração?
Porquê?

74

Haverá um dia em que as nossas almas
Irão deixar nossos corpos para trás

Sobre as nossas pobres e inertes cabeças
Alguém colocará um ladrilho
E uma lápide inscrita que dirá –
Aqui jaz
Em eviterna paz
Quem na taberna
Muito bebeu
Amou e sofreu

Depois
As tuas cinzas
Misturadas com as minhas
Serão modeladas
Pelas mãos de um oleiro
Ou de um pedreiro
A construir um Amor Perfeito

75

Vinho
Único conforto
Alívio bálsamo
Para um coração que sofre
Enfermo

Vinho
Perfumado a almíscar
Vinho
Cor de rosas
A florescer num ermo

Serve-me vinho
Vinho
Destruidor
A arrasar
O inferno ardente
Da minha amargura

Vinho
E o teu alaúde
De cordas de seda
Minha adorada
Minha bem amada

76

Tanto se fala de um Criador

Que criou os seres
Todos os entes
Céus terras e mares
Os Homens suas gentes

Para que os criou
Ele o Supremo Senhor
Um primeiro
E logo após dois
Para os destruir depois?

Há os feios e os belos
Os com defeitos e os escorreitos
Os que nascem ricos e os pobres
Os que morrem à fome
À nascença e as crianças
Saudáveis e doentes
Porquê? Porquê?

Não sei nada
Não compreendo nada

77

Os homens divertem-se
A errar pelo carreiro
Do que pensam ser
O verdadeiro conhecimento

Uns buscam-no
Outros afirmam que o encontraram

Não
Um dia a Voz virá

E bem alto clamará –
Não há caminho
Não há caminho

78

Oferece como sacrifício
À alvorada
O vinho do teu cálice
Os beijos dos teus lábios
Túlipas de Primavera

Oferece ao sorriso rasgado
De uma jovem em flor
O vinho com que brindas
Ao Amor

Bebe e olvida
Bebe e ama
Que o punho da Dor
Em breve
Te irá derrubar

79

Vinho
Vinho

Que percorra sem cessar
As minhas veias

Vinho
Amor
Vinho
Que me suba
À cabeça

Cálices
Silêncio
Nada
É verdade

Vinho
Cálices
Depressa
Urgente
Que envelheço

80

Quando for sepultado
Do meu túmulo exalará
Inebriante aroma a vinho
Forte
Tão forte tão poderoso
Que embebedará
Quem por ali passar

A tranquilidade emanará
Do meu sepulcro perfumado
Impedindo os amantes
De dali se apartarem

Não conseguirão partir
Nem tão pouco afastar

81

No delírio da vida
Só serão felizes
Os que sábios pensam ser
E os que não cuidam
Da sua instrução

Tolos

Curvei-me sobre todos os segredos
Sobre todos os mistérios do Universo
E desanimado
Refugiei-me na solidão
Os cegos invejando

82

Dizem-me –
Deixa de beber
Não bebas

Respondo –

Quando bebo
Oigo as rosas
As túlipas
Os jasmíns
E também
O que a minha bem amada
Em segredo e para si
Me diz

83

Meditas
Em que meditas?

Nos teus antepassados?
Eles que são pó sobre pó

Nas suas virtudes e celebridade?
Deixa que sorria

Toma este cântaro
Vamos beber
Vamos amar
E escutar
O silêncio das galáxias
Em movimento

84

A aurora alagou de rosas
A abóbada celeste

No ar diáfano e puro
Perde-se a canção do último rouxinol

O aroma do vinho é mais leve
Generoso

E pensar
Que neste momento
Em cada parcela do mundo
Há aluados ensimesmados
Que sonham com a glória
Honras e reputação

Oh como são macios os teus cabelos
Doirada a tua aura
E perfumado teu hálito
Minha bem amada

85

Amigo
Não faças projectos
Não pesques em lagos secos

Tens a certeza de poder colher
Os frutos do que agora plantaste
De terminar a frase que começaste?

Amanhã talvez possamos estar
Tão longe desta choupana

Tão distantes desta caravana
Que se afasta afasta sem cessar
Como os que já abalaram
Há milhares de anos
E que ninguém recorda
Ou comemora

86

Senta-te comigo na margem deste ribeiro
Esbelta adolescente de rosto trigueiro

Olho-te
Com os olhos do futuro
Que o estar sozinho me concede

E penso
Com melancolia
O cântaro e o cálice
Pleno de vinho
Que serás um dia

87

Há muito
Há anos
Que a minha juventude

É no Reino da Morte jacente

Primavera da minha vida
Perdida
Onde se perderam
Primaveras idas

Oh adolescência
Que passaste
Sem que eu
Me apercebesse
Tal como
Dia após dia
Se amolece a brandura
Da Primavera

88

Embriaga-te meu irmão
Com todos os perfumes
De vinhos novos e velhos
De todas as mulheres
De músicas
De cores
Das flores

Não faltes em afagos
Agasalho e blandícias
Às tuas amadas

Olha que a vida é breve
Feita de pontes sem margens
E que não tardarás
A afundar-te na terra

Como a água dos poços e das fontes

89

A Paz neste mundo?
Loucura Vaidade

Eterno descanso?
Demência também

Depois de morto
Um sonho breve

Ressurgirás na erva
Frágil e indefesa
Que todos calcam

Ou na flor que no Estio
O Sol irá queimar

90

Pergunto-me –
Afinal o que é meu
O que tenho incerto
Ou possuo incontroverso?

Pergunto-me –
O que restará de mim
Depois da passagem
Para o Reino dos Mortos?

A vida é um incêndio
Que devasta a floresta imensa
Em escassos minutos

Chamas vermelhas
Cinzas que o vento espalha
E dispersa -
Tal é a existência humana
E a minha essência
Cinzas Cinzas

91

Evidência e dúvida

Erro e verdade

Palavras vazias como bolhas de ar
A boiar no Tanque dos Nenúfares

Com as cores do arco-íris
A cintilar
Ou turva
Como nuvem a pairar
Em dia de chuva
Bolha que é alegoria da vida

92

Ao poder do rei Ki-Kaus
Às riquezas da região de Korasán
Prefiro um cântaro de vinho
E mulheres para beijar
E no silêncio dos bosques amar
Perdidamente um corpo ao luar
Numa esteira de linho

Admiro o amante que geme de felicidade
De dor e por amor
Desprezo o cínico que boqueja uma prece

93

Ouve este segredo duradouro –
Quando o primeiro alvor
Alumiou o mundo em trevas
Adão era uma criatura sofrida
Sentado em venenosas ervas
Que almejava pela noite
E clamava pela morte

94

A Lua do Ramadão já brilha
Amanhã o Sol iluminará
Uma cidade silenciosa e hirta

Vinhos a dormir nos cântaros
Nas garrafas nas taças
E jovens donzelas
Nas sombras das florestas

95

A ninguém pedi a vida
Não pedi para viver

Esforço-me por aceitar
Sem gozo nem cólera
Tudo o que a vida
Tem para me ofertar

Partirei sem questionar
Sobre tão estranha condenação
Que com outros me faz partilhar
Este Mundo Cão

96

Não te esqueças
Colhe todos os frutos
Que as tuas mãos
Alcancem

Vai a todas as festas
Banquetes e romarias
Escolhe as taças maiores
E as mais belas mulheres

Deus não se importa
Com teus vícios e virtudes
Como atinges o prazer
E com o que fazes do teu corpo
Deus tem mais que fazer

97

Noite escura
Espectros fulgentes
Silêncio
A folhagem estática
Num ramo incandescente
Como o meu pensamento

De uma rosa
Exemplo que julgas
Ser do teu esplendor

Cai uma pétala

Onde estarás tu
Neste momento
Tu que me brindaste
Com o cálice de cristal
E lábios purpurinos
Pelos quais suspiro?

Nenhuma rosa
Se desfolha junto
De quem acaricias
Com teu cântaro

E sei que ninguém
Te pode entregar a felicidade amarga
Com que eu te embriagava

98

Se soubesses
Como pouco me afectam
Os quatro elementos
E as cinco faculdades
Ah se o soubesses

Diz-se que alguns filósofos gregos
Conseguiam colocar cem problemas
Aos seus auditores

Que me interessa
Que importância tem?
É-me indiferente
O problema dessa gente

Serve vinho
Sim vinho
Toca o alaúde
E que as suas notas
Evoquem a brisa
Que como a vida foge

Ah serve o vinho
Beija-me
Dá-me o teu carinho

99

Quando a Sombra da Morte
Aluir sobre mim
E os meus dias
Pelos dedos de uma mão contados
Chamar-vos-ei
Amigos meus

Levar-me-eis deitado

Quando o corpo que vivo foi
Se transformar em pó do deserto
Ireis moldar um cântaro
Que encheis de vinho

Talvez então oh mistério
Me vejais ressuscitar
E seja o herdeiro
Dono de um novo
E mais justo Império

100

Pouco sei ou me importa saber
Mentira Verdade
Bondade Maldade
Mas
Procuro sempre
Um vinho de qualidade
Numa cama em desalinho

Os meus cabelos embranquecem
Meus ossos enrijecem
Tenho sessenta anos

Ser feliz
Hoje ou nunca

Amanhã
Talvez já não tenha forças
Talvez seja tarde
Com a alma vendida ao Diabo

101

Onde estás tu meu amigo
Das noites errantes
Das boémias cantantes?

Onde estão os nossos amigos
Tê-los-á abatido a Morte
Na sua vida sem sorte?

Onde estão agora?
Pareço ainda ouvir
As suas alegres canções

Estarão mortos
Ou ébrios de tanto
Ter vivido?

102

Quando eu perecer
Comigo hão-de morrer
As rosas
Os ciprestes
Os lábios vermelhos
E o vinho perfumado

Nem mais uma aurora
Nem crepúsculo
Dores alegrias
Sofrimento

O mundo deixará de existir

O mundo só é real
E só pode ser vivido
Como efeito do pensamento
De limitado cérebro nascido

103

Esta é a única verdade –
Somos os peões
De partida de xadrez
Por Deus jogada

Move-nos
Em frente
Para trás
Para os lados
Detém-nos
Faz-nos avançar
Recuar
E depois
Quando o quer
Vai-nos atirando
Um a um
Peças sem préstimo
Para fora do tabuleiro
Para o Jogo do Nada

104

A abóbada celeste
É como um cálice voltado
Em que se agitam

Debalde os sábios

Que o teu amor
Pela tua amada
Seja igual ou parecido
Ao que o cântaro
Sente pela taça

Lábio com lábio
Boca com boca
Trocam o seu sangue
Em puro êxtase

105

Os sábios nunca te irão ensinar seja o que for
Mas as carícias dos amaviosos cílios de mulher
Irão transportar-te para o Reino da Felicidade

Os teus dias estão severamente contados
Em pouco tempo o teu corpo será dado à terra

Bebe vinho
E afastado
Procura nele
O afago
Que te não é doado

106

O calor do vinho
É libertação
O calor do Amor
Arroubo interior

Libertação do passado e do futuro

Encantado pela luz
Quebra os grilhões
Caminha ama e bebe
A Liberdade

107

Quando era novo
Na igreja sentado
Não rezava qualquer oração
Mas voltava com o coração
Repleto de Esperança

Agora
Velho e cansado
Quando me sento numa delas
Procuro a sombra
Que me deixa adormecer

108

Na terra matizada
Caminha alguém
Que não é infiel
Nem muçulmano
Nem rico nem pobre

Não invoca Deus
Não quer saber das suas leis

Não crê na Verdade
Nem nunca afirma nada

Na terra matizada
Quem é este homem
Triste e corajoso?

109

Antes de saber como acariciar
Um rosto amoroso como rosas
Quantos espinhos não terás de arrancar
Da tua própria carne perfurada

Olha
Esse pente
Era um pedaço de madeira

Quando a talharam
Grande foi a sua dor

Mas
Hoje
Afaga os cabelos
Brilhantes e perfumados
De uma adolescente

110

Há um momento
Em que a brisa da manhã
Abre as rosas
E lhes sussurra
Que as violetas
Já despiram
As suas roupas

Só é conveniente que viva
Aquele que se compraz
Na visão do sono de esbelta mulher
Alcança a sua taça
Esvazia-a
E a lança fora

111

Tens medo do amanhã
Sabes porventura
O que é te pode ocorrer?

Sê audaz
Para que o azar
Não justifique os teus temores
E essa tua agonia
Que aumenta a cada dia

Liberta-te de tudo
Não te comprometas com nada
Não indagues nos livros
Nem questiones outros
Que como tu
Nadam nas águas da ignorância

O âmago do Destino é insondável
E indecifrável

112

Senhor
Senhor diz-me
Deste-me olhos
Para que a beleza
Dos seres
Das mulheres
Me deslumbre

Concedeste-me o dom da felicidade
Queres que eu abdique sem mais
Do prazer das maravilhas do mundo?

Impossível Senhor
Tão impossível como virar uma taça
Sem derramar o seu vinho
Ou tocar uma donzela
Sem colher o seu amor

113

Na taberna da minha aldeia
Pedi a um velho sábio
Notícias dos que já partiram

Tio Zé Gabriel respondeu –
Só nos levam a dianteira
É tudo o que sei

Tio António Velhaco ouviu e disse –
Eu sei um pouco mais
Quem morreu fodeu-se
E não mais voltará
Bebe o teu vinho
Vá
Bebe
E esquece

114

Olha
Ouve
Uma rosa tremula
No sopro da brisa
O rouxinol canta-lhe
Uma breve canção

Uma nuvem adormeceu
No céu azul sobre o mar
Vamos beber
Vamos amar
Vamos navegar nas ondas
Do prazer

Sem lembrar que não tardará
Uma rajada a desfolhar a rosa
A levar o tépido canto do rouxinol
E a nuvem e sua sombra
A despertar o Sol

115

A abóbada celeste
Sob a qual vagueamos
Em passo incerto
É uma lanterna mágica
Acesa por uma estrela

O mundo a tela
Onde passam as nossas imagens

116

Dizia uma rosa –
Sou a maravilha do mundo
Será possível
Que um perfumista
Me faça sofrer?

Cantava um rouxinol –
Um dia de felicidade
Anuncia um ano de lágrimas

117

Esta noite
Ou amanhã
Poderei já não existir
Tempo terminado
Nesta terra a afundar

Chegou o momento
De pedir vinho
E uma mulher para amar

Com quem te comparas
Com um tesoiro
Com um cântaro de oiro?

Julgas tu desajuizado
Que os ladrões
Irão violentar a tua cova
Para furtar um defunto?

118

Sultão
O teu Destino
Estava escrito nas constelações
Onde em estrelas
Brilha o nome do rei Khosru

Desde o alvorecer dos tempos
Que o teu cavalo de áureos cascos
Corre entre os astros

Quando passas
Uma miríade de estrelas
Esconde-te dos nossos olhos
Espantados

119

O Amor
Esse forte sentimento
Doce e inebriante

Como o vinho
Essa emoção
Pacífica ou violenta
Quando não arrasa e devasta
O coração do amante
Não é Amor

As brasas da lareira
Darão o calor
De uma fogueira?

Noite e dia
Em sonho ou vigília
Em toda a sua vida
O amante contorce-se
De prazer e dor

120

Podes mergulhar na noite que nos envolve
Podes ir até aos seus limites Em vão

Adão e Eva
Tão amargo deve ter sido
Vosso primeiro beijo
Para que nos tenham gerado
Tão desesperados

121

Das estrelas caem
Pétalas de ouro
E vão caindo
Enfim
Por aqui por ali
Mas não caem
No meu jardim

Se o Céu alastra as suas flores na Terra
Também eu encho de vinho cor de rubi
A minha taça negra como a noite

122

Bebo vinho
Como a raiz
Do salgueiro
Bebe a água
Do idílico ribeiro

Só Deus é Deus
E Ele tudo vê
Só há um Deus
Ele tudo sabe
Tudo prevê
Não é o que está escrito?

Quando me criou não sabia
Que eu beberia vinho
E pelos caminhos da estúrdia
Com outros boémios vaguearia?

Se não bebesse nem amasse
A ciência de Deus seria um fracasso

Poderá Ele castigar o que assim criou?
Poderá castigar-me a mim
Que a Ele devo o que sou?

123

O vinho é alforria
De dúvidas e cuidados
De medos e fados
Indecisão e embaraço

É o mágico mãos de rubi
Que te irá transportar
Momento a momento
À Terra do Esquecimento

124

O orvalho de manhã

Poisa
Sobre as túlipas
Jacintos
Violetas
E outras flores

O Sol sorridente
Alivia-as desse fardo brilhante

De manhã ao acordar
Pesa-me no peito o coração
Mas basta-me o teu olhar
Para o libertar

125

A esplêndida solidão
Das estrelas

A solidão magnífica
Das flores

E das árvores também
Só a irás alcançar

Quando te apartares dos homens
Quando te afastares das mulheres

Não procurando refúgio em ninguém
Sem que te debruces sobre qualquer dor

E de qualquer convívio te desvies
Num Amor indiscriminado

126

O vinho novo
Tem a cor das rosas
Oh como é belo

Talvez não seja sangue das vinhas
Mas de rosas inebriantes

Talvez esta taça
Não seja cor de cristal
Mas azul de céu e mar

A noite permanece
Na pálpebra do dia

127

O vinho proporciona
Aos sábios
Uma embriaguez semelhante
À dos Eleitos

Oferta-nos a juventude
Que perdemos
Dá-nos o que pedimos
E o que almejamos

Queima-nos
Como uma enxurrada de fogo
Mas também pode converter
A nossa tristeza
Em água pura e fresca

128

Fecha o teu Corão
Bíblia ou Guitá
Pensa com atrevimento
E encara sem temor
O Céu e a Terra

Ao pobre que passa
Doa metade dos teus bens

Perdoa a todos
Os que culpados são

Não amargures ninguém
E esconde-te quando
Quiseres sorrir

129

Como é débil o homem
Fatal e implacável o seu Destino
Como é dissimulado e insincero

Juramentos
Juramentos falsos
Juramentos que não cumprimos
Indiferentes à vergonha e à desonra
Frieza da mentira
Na Terra da Hipocrisia

Até eu
Por vezes
Vivo na insensatez
Destempero e desacerto

Mas tenho por escusa
A de estar ébrio de Amor

130

Ouve-me leitor
Se este mundo
Mais não é do que ilusão
Por que desesperas
Por que motivo te afliges
E desiludes?

Por que pensas noite e dia
Na tua infelicidade e na tua dor?

Abandona a tua alma
À fantasia das horas
O teu Destino já está escrito

Não há para ele apagador
E ninguém para o apagar
Porque Deus sonha
E se não sonha dorme

131

A auréola que rodeia
Esta frágil rosa
É um sinal do seu aroma
Ou a débil defesa
Que na bruma desfeita
Deus lhe deu?

Os cabelos sobre o teu rosto
Bem amada
Serão a noite que teu olhar
Há-de dissipar?

Acorda desse sono bem amada
O Sol abrilhanta as nossas taças
Bebamos
Amemos
Que um corpo luminoso
É mais belo que a escuridão

132

Decide-te
Não contemples mais o Céu

Rodeia-te de belas e aprazíveis donzelas
E acaricia-as com suavidade e amor

De que duvidas?
Ainda desejas orar a Deus?

Muito antes de ti
Outros homens lhe dirigiram
Fervorosas orações mantras
Ave-marias credos petições

Já partiram para o Reino da Morte
E ninguém sabe se Deus
De longe ou perto
Na sua contrição os viu ou ouviu

133

Aurora
Felicidade Pureza
Um enorme rubi
Brilha em cada taça

Toma estes dois ramos
De sândalo

Transforma um em alaúde
E queima o outro
Com os teus lábios
Para que nos perfume

Enquanto nos amamos

134

Estou cansado
Exausto de interrogar
Os homens
Os livros

Quis consultar o cântaro

Poisei nos seus lábios os meus
E murmurei –
Para onde irei quando morrer?
Ele
Cheio de vinho forte
Respondeu-me –
Bebe na minha boca
Sacia-te à vontade
Nunca voltarás da Morte

135

Se estou perdido de bêbado
Nem sonhas como sou feliz

Se admiro o rosto rosado

Da minha Amada
Sou feliz

Se sonho que não existo
Como sou feliz
Porque a morte é Nada
E no Nada não há sofrimento
Nem o tormento do Inferno

136

Percorria eu
A fábrica deserta
De um oleiro
Onde havia
Mais de mil cântaros

Falavam baixo

Um disse –
Façam silêncio
Concedei a este visitante
A evocação
Dos oleiros e comerciantes
Que outrora éramos

137

Dizes que o vinho
É o melhor dos bálsamos?

Trazei-me todo o que houver
Neste mundo

O meu coração está em ferida
Desgostoso e dilacerado

Tragam-me todo o vinho do mundo
E o coração que se fique com suas feridas

138

Que espírito gracioso
É o do vinho cor de rubi

Oleiros modelai
Para esta gentil alma
Cântaros dos mais macios

Cinzeladores de taças
Modelai-as com subtileza

Esta alma deleitosa
Quer imergir no azul do seu cristal

139

Ó estulto
Que sábio te julgas
Desassossegado
Entre o infinito do passado
E o infinito do futuro

Queres criar
Um limite entre estes dois infinitos
Por aí te ficando?

Sendeiro

Escolhe uma árvore
Senta-te à sua sombra
Com um jarro de vinho
Bebe com a tua amada
Até que te esqueças
Da tua fraqueza e impotência

140

Mais uma aurora

Dia após dia
Invento um novo
Brilho no mundo
E como lamento
Como me angustio

Por não poder
Agradecer ao seu Criador

Mas tantas são as rosas
Que me contentam
E tantos os lábios
Que me consolam
Quando aos meus se unem

Deixa o teu alaúde
Bem amada
Os pássaros já cantam
Vamos amar

141

Pouco mais precisas
De entender ou saber
Que tudo é mistério
A criação do Universo
E a tua
O destino do Universo
E o teu

Sorri aos mistérios
Como quem sorri a um perigo
Cuja perigosidade desconheces

Nada irás saber
Quando franqueares
Os Portais da Morte

Paz aos homens
De boa e má vontade

No escuro silêncio
Do obscuro Além

142

No vasto prado verde
A sombra desta árvore
Parece-se com uma ilha

Caminhante
Pára Não te afastes
Não prossigas
Fica onde estás

Entre o caminho que segues
E esta sombra que roda
Com lentidão
Talvez haja
Um abismo intransponível

143

Que farei hoje?

Irei à taberna
Irei sentar-me no jardim
Lerei algum livro

Beijarei doce mulher?

Um pássaro voando
Cruza os céus
Donde vem
Quem é
Para onde vai?
Tão pequeno
E grácil
Já o não vejo

Oh embriaguez de ave
No azul subtil
Oh arrependimento do homem
Na sombra fresca de um templo

144

Um pouco mais de vinho
Amada em flor
Um pouco mais para ti

O teu rosto não tem ainda
O brilho das rosas rubi

Um pouco mais de tristeza
Para mim

A minha amada
Sorrir-me-á
E com seu frondoso sorriso
Fará de mim um homem alegre

145

O mundo é um roseiral

Visitas –
As borboletas
E os rouxinóis

Elas oferecem-nos cor
Dúctil movimento
Eles canções

Se não tiver
Rosas
Violetas
Ramos
Folhas
Éden
E farol que me guie
Terei por flores
As estrelas
E por jardim
Teus cabelos soltos
Ao vento Norte

146

Serviçais

Não nos alumiem
Os convidados adormeceram

Vejo que estão pálidos de morte

Hirtos estão e de frio gélidos
Reflexo da imagem do sepulcro

Deixai as velas
Não há luz nem amanhecer
Para os mortos

147

Quando te vergares ao peso da dor
Quando os teus olhos secarem
Pensa nas verdes plantas que a chuva asperge

Quando te sentires desesperado
No esplendor do dia
E quando desejares
Que uma noite sempiterna caia sobre o mundo
Pensa como uma criança
Pensa nela ao despertar

Ah como é bom amar gratuitamente

148

Escondo a minha melancolia
De toda a gente
Com a vergonha da tristeza

As aves feridas também se escondem para morrer

Serve-te de vinho
Bebe
Ouve as minhas graças
E as desgraças ocultas

Quero vinho
Quero rosas
Canções de alaúde
Quero amar

E tu Amada quero
Indiferente ao meu pesar

149

Senhor
Com mil armadilhas invisíveis
Preparaste os caminhos
Que incautos percorremos
E disseste-nos –
Calamitoso aquele
Que não souber escapar delas

Tu que
Tudo vês
Tudo sabes
Tudo prevês

Nada acontece sem o Teu assentimento
Sou pois o culpado de meus pecados?
Podes ou não assim
Castigar sem remorsos
A minha insurreição?

Não
Digo-te eu

150

Muito aprendi
Outro tanto esqueci

Outrora
Na minha memória
Cada coisa
Saber
Especulação
Tinha o seu lugar

Se algo estava à direita
Não podia ser desviado para a esquerda
E se à esquerda estava
Não poderia ser desviado para a direita

Só atingi a Paz
Quando com desprezo

Tudo repudiei

E acabei por aprender
Que não nos é possível
Afirmar ou negar nada
E que em tudo há uma praga

151

Estudei orientado
Por eminentes Mestres
Passo a passo aperfeiçoei-me
E orgulhei-me
Dos meus progressos

Quando lembro
O sábio que fui
Comparo-o à água
Que toma a forma do copo
E ao fumo que o vento leva

152

Para o sábio
A tristeza e alegria
Assemelham-se

O bem e o mal
São semelhantes
E se diferem
Nem mal nem bem
Nem bem nem mal

Tudo o que teve início
Deve findar naturalmente

Meditai pois
Se deveis alegrar-vos com a felicidade
Ou consternar com a infelicidade

153

Neste mundo
É nosso Destino
Sofrer
Para depois
Em agonia morrer

Não quereis dar à terra
Quanto antes
O vosso corpo miserável
Ele que é a fonte
De todo o padecimento?

E a Alma
Perguntais
Pela qual Deus aguarda
Para o Juízo Final?

Ficai descansados
Que logo vos responderei

Quando for informado
Por alguém que regresse
Da Terra dos Mortos

154

Santo homem
Despe essa roupagem
De que tanto te envaideces
E que não tinhas quando nasceste

Veste antes o Manto da Pobreza

Os caminhantes provavelmente
Deixarão de te reverenciar
Mas sentirás no coração
A canção entoada por anjos e arcanjos

155

Embriagado ou sedente
Apenas me apetece dormir
Dormir profundamente

Não quero saber
O que é o bem
E o que é o mal

Porque o bem
Está para o mal
Como o mal
Está para o bem

Afinal
O que é o bem
O que é o mal?

Para mim
Dor e prazer são semelhantes

Quando me sinto feliz
Concedo à felicidade
Modesto lugar
Já que bem sei
Que a dor não tardará
Para irremediavelmente a afastar

156

Nunca conseguiremos incendiar o mar
Nunca iremos convencer o homem
Dos perigos e manhas da felicidade

No entanto
Todos sabemos
Que o mais pequeno choque
É letal para o cântaro cheio
E deixa incólume o vazio

157

Olha à tua volta
Aflições
Desgraças
Desespero
Angústia
Choro
E ranger de dentes

Os nossos melhores amigos morreram

A tristeza é a nossa companheira
Inseparável

Mas
Continua Homem
Abre as mãos
Alcança o que anseias
Faz das tripas coração

Enterra nas profundezas
O cadáver do teu passado

158

Um homem cavalga no horizonte
Afasta-se na bruma da queda do dia

Quem é

Para onde vai?

Irá atravessar bosques encantados
Planícies desertas
Perigosos montados?
Não sei

E eu
Amanhã
Onde estarei?
Sobre a terra
Ou debaixo dela?
Também não sei

159

Deus é Grande –
Este grito o que é
Uma profunda lamentação?

A terra geme prostrada
Cinco vezes por dia
Perante o seu Criador ausente?

160

O Ramadão cessou –

Corpos extenuados
Almas ardidadas
Retomai o prazer

Os contadores de histórias
Narram histórias novas

Vendedores ambulantes
De doces e vinho
Mercadores de milagres
Sonhos e ilusões
Arremessam seus pregões
Às multidões

Mas
Eu oiço somente
A Voz da Vida
A da minha bem amada

161

Olha para esta fonte
Que brilha e rebrilha no jardim

Imagina
Como eu
Que vês a Fonte das Fontes
E que estás no Paraíso

Procura a tua amiga
Rosto de rosa
Resplandecente e maravilhoso

162

Só vês a aparência
Dos seres e das coisas
Não penetras na sua essência

Côncio da tua ignorância
Recusas renunciar ao amor
Mas Pôncio Pilatos
Recusou-o a Jesus

Deus deu-nos a provar o Amor
E também em certas plantas
Animais e homens
Veneno fatal

163

És infeliz
Tu que choras
Que gemes
Que escondes o rosto no leito
E em segredo padeces?

Não penses
Se não pensares na tua dor
Não sofrerás jamais

Se a tua atribuição é forte
Se te faz pensar na morte
Lembra os justos
Que injustamente sofreram
Desde o princípio dos tempos

Escolhe uma mulher
Seios de neve
E faz por a amar
Mas ela
Por seu turno
Que só te ame
Por momentos

164

Pobre homem
Pobre infeliz
Nunca saberás nada
E nunca serás capaz
De resolver um que seja
Dos mistérios
Que nos cercam

Já que as religiões
Em unísono te prometem
Um Paraíso
Faz tu por um nesta terra criar
Porque o delas
Pode ser mentira a esvoaçar

165

Há lamparinas que se apagam
Há esperanças que se iluminam
Aurora

Há lamparinas que se iluminam
Há esperanças que se apagam
Noite

166

Todos os reinos e riquezas
Por uma taça de vinho generoso
Todos os impérios e suas fortalezas
Por um cálice de vinho novo

Todas as bibliotecas e livros
Toda a sabedoria
Pelo doce aroma do vinho
Por um beijo à sombra de uma tília

Todos os hinos de amor
Pela canção do copo que se esvazia
E por um corpo que se anuncia

167

Foi-me dado o golpe esperado
A minha bem amada abandonou-me

Enquanto a possuía
Como era fácil desdenhar o amor
E exaltar o abandono

Enfim
Junto dela
Estava só

Entendes?
Partiu ela
Para que me possa
Refugiar nela

168

Senhor
Desbarataste a minha alegria
Ergueste uma muralha
De pedra armada
Entre o meu coração
E o da minha bem amada

Os cachos da minha vindima foram degolados

Vou morrer Senhor
Morro com Dor

Mas tu
Cambaleias embriagado

169

Silêncio
Oh minha dor

Deixa que busque mezinha
É preciso viver
É urgente

Porque os mortos
Não rememoram
E eu tanto quero
Tanto desejo
Voltar a ver
A minha Amada

170

Alaúdes
Taças
Jarros
Perfumes
Risos
Olhos amendoados

Profundos

Brinquedos que o tempo
Faz corromper

Austeridade
Trabalho
Meditação
Solidão
Oração
Renúncia

Cinzas que o Tempo espalha
Cinzas
Cinzas

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

Janeiro de 2012